

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Maria Carolina Gonçalves Venuto de Oliveira

Quando cheguei aqui, não me encontrei entre meus pares.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Coordenação Central de Extensão
Curso de Especialização em Educação Infantil: Perspectivas de
Trabalho em Creches e Pré-Escolas

Orientadora: Aline Faria Silveira

Rio de Janeiro,
Setembro de 2018.



Maria Carolina Gonçalves Venuto de Oliveira

Quando cheguei aqui, não me encontrei entre meus pares.

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-RIO como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Aline Faria Silveira

**Coordenação Central de Extensão
Curso de Especialização em Educação Infantil: Perspectivas de
Trabalho em Creches e Pré-Escolas**

Rio de Janeiro,
Setembro de 2018



A Deus, por sempre abençoar minhas escolhas!

AGRADECIMENTOS

Esse é um momento especial em minha vida. A elaboração do presente trabalho não foi realizada somente por mim. Deus, minha família e meu marido me ajudaram cada dia dessa etapa.

Quero agradecer pela educação recebida pelos meus pais, pelo apoio e incentivo a tudo que propus a fazer em minha vida. Vocês sempre confiaram e me mostraram que a educação é a base de tudo.

Roberto Venuto e Maria Tereza, obrigada pela valorização de nossa raça diariamente, obrigada por serem sempre presentes e mostrar que ser negro é ter orgulho da nossa cor, vocês são **porto-seguro**, incentivo e confiança. Obrigada por cada aprendizado, por cada palavra, por todos os dias que vocês disseram que a cor da pele não nos impossibilita de conquistarmos qualquer coisa que sonhamos.

Theresa Cristina, minha irmã incentivadora e que em muitas vezes me deu ótimas ideias e sonhou os meus sonhos, discutiu sobre ser negro no Brasil e que viveu tantas histórias dentro da USP de alegrias e também de dor relacionadas a nossa pele negra. Obrigada por ser você, obrigada por ser **sempre presente**.

Rômulo, marido, amigo e incentivador sempre, você foi aquele que mesmo nos dias mais cansativos me incentivou a não desistir, você que me esperava todos os dias para não me deixar ir embora sozinha depois da aula, que se fez presente durante todos os dias da pós, obrigada pelo incentivo e orgulho que tem por mim, obrigada por todo **amor**.

Deus, que cuida das minhas escolhas, da minha vida e que me **abençoa** diariamente, obrigada! A força que tenho para alcançar meus objetivos vem de cima. Minha **fé**, me trouxe até aqui e tenho certeza que me levará a mais conquistas da vida profissional e pessoal.

Por fim, a todos os meus alunos, que são meu incentivo, minha alegria e a razão de tudo o que eu faço pela **educação**.

RESUMO

A presente monografia pretende elaborar uma análise ao tema da discriminação e do preconceito à criança negra dentro de uma escola elitizada da Zona Sul do Rio de Janeiro. A pesquisa, no entanto, visa pensar sobre a educação para o respeito as diferenças, além de oferecer reflexões sobre o papel da escola e dos adultos diante das questões que aparecem sobre o tema racismo.

Neste trabalho, busquei investigar como é a chegada de uma criança negra dentro de um ambiente onde predominam pessoas não negras. Como refletir, repensar a partir de ideias que somos seres humanos possuidores de cores diferentes e que precisamos respeitar todas as diferenças sem preconceitos.

O objetivo principal foi compreender como essas crianças, que são minorias em um contexto fortemente marcado por pessoas brancas, são vistas e como as crianças negras se relacionam.

Considerarei respeitável dialogar com autores como as historiadoras e professoras Mary Lucy Murray Del Priore e Eliane dos Santos Cavalleiro; Lázaro Ramos, ator e escritor que aborda em suas temáticas a pluralidade cultural, racial, étnica e social, além de refletir sobre ser negro no Brasil; Yvone Costa de Souza, que em seu livro traz um olhar para o tema da infância e da discriminação racial; o sociólogo Florestan Fernandes; e por fim, o professor doutor Kabengele Munanga antropólogo e professor brasileiro-congolês, especialista em antropologia da população afro-brasileira, atento à questão do racismo na sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Crianças- Racismo- Discriminação.

Sumário

AGRADECIMENTOS.....	3
RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO.....	6
1.CONSTRUINDO UMA BREVE HISTÓRIA: O NEGRO NO BRASIL.....	11
1.1 A ESCRAVIDÃO NO BRASIL.....	12
2. RESQUÍCIOS DA ESCRAVIDAO NO BRASIL DE 2018.	17
3. A ENTRADA DE UM ALUNO NEGRO EM UM GRUPO DE MAIORIA BRANCA EM UMA ESCOLA PARTICULAR DA ZONA SUL DO RIO DE JANEIRO.....	18
3.1 EVENTO 1- OS GIZES DA COR DE PELE 1 (agosto de 2018).....	20
4- ENTREVISTAS:.....	22
5. ANÁLISE DA ENTREVISTA	23
5.1 ENTREVISTA 1-.....	23
5.2 ENTREVISTA 2.....	25
5.3 ENTREVISTA 3.....	26
5.4 ENTREVISTA 4.....	28
6-CONCLUSÕES.....	30
7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

INTRODUÇÃO

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender. E se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar, pois o amor chega mais naturalmente ao coração humano do que o seu oposto. A bondade humana é uma chama que pode ser oculta, jamais extinta.

Nelson Mandela

Negra, filha de negros e vinda de um meio social onde todos os meus amigos eram brancos, passei anos de minha vida ouvindo que precisava me impor, que era bonita, que poderia sim frequentar qualquer lugar sem ter vergonha da minha cor.

Durante a idade escolar desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, sempre fui a única negra. Nos bancos da Universidade de São Paulo, continuei a viver as mesmas histórias, entretanto naquele momento em um contexto diferente e com muitas pessoas me perguntando se eu era africana, devido ao grande número de africanos vindos para a Universidade de São Paulo em virtude de acordos políticos feitos entre Brasil e África.

Ouvi durante todos os anos da graduação muitas perguntas com um ar de dúvida se eu era mesmo aluna daquela faculdade, perguntas que aconteciam mesmo quando trajava camiseta com o símbolo da USP ou quando estava almoçando no restaurante universitário que era frequentado apenas por alunos.

Sempre enfatizo que foi na Universidade de São Paulo que vivi um racismo declarado, um racismo que estava ali, exposto e evidente. Vivi esse racismo junto com minha irmã que também estudava na mesma universidade e que, diferente da minha escolha, fazia o curso de Administração. Vivemos, sofremos, aprendemos, mas somos resilientes e isso nos fez mais forte.

Realidade difícil, mas que sempre foi fortalecida pela base familiar que sempre tive em casa. Para meus pais o mais importante era respeitar as diferenças, respeitar as etnias e as escolhas de cada um, nunca abaixar a cabeça. Fui criada em uma família que sempre nos mostrou a realidade, mas nunca nos deixou enfraquecer diante das lutas.

Durante os anos de graduação e depois quando já graduada, trabalhei em diferentes escolas em São Paulo: Escola da Vila, Castanheiras e Vera Cruz, todas elas construtivistas elitizadas, situadas em bairros nobres de São Paulo. Em algumas delas eu era a única professora auxiliar negra, e alunos negros, sempre foram poucos, muito poucos.

Mesmo depois de formada, nunca consegui uma vaga como professora, sempre me mudaram de turma e nunca consegui ser professora efetiva. Após quatro anos atuando como professora auxiliar, tive a oportunidade de vir morar no Rio de Janeiro e trabalhar em uma escola particular situada na Barra da Tijuca. Entrei como professora auxiliar e nesse mesmo ano fiz o processo seletivo. Passei. Fui promovida à professora da Educação Infantil.

O ano de 2016 foi de grandes mudanças. Isso eu já imaginava. Fui transferida para outra unidade da mesma escola, situada na Gávea, zona sul do Rio de Janeiro. Lembro com clareza no dia em que cheguei ao departamento pessoal para deixar meus documentos, o secretário me atendeu muito bem e perguntou se eu era a nova estagiária da escola. Respondi que era a nova professora e muito surpreso ele me desejou “boa sorte!” Achei aquela “boa sorte”, engraçada, e só alguns meses depois entendi o que ele queria realmente dizer.

Durante todo o primeiro ano fui observada por pais e funcionários que se espantavam ao ver uma professora negra na escola, a única. Vivi, vi e ouvi muitas coisas... Alguns pais me chamavam de estagiária, não que esse papel seja ruim, mas para eles uma professora negra não poderia estar ali; pais que não falavam comigo, apenas dirigiam-se a estagiária que era branca.

Ouvi de funcionários que a minha ida para aquela unidade somente aconteceu devido ao fato de ter acontecido uma grande repercussão na mídia no ano de 2015 em que uma mãe denunciou que a filha sofreu racismo dentro daquela instituição escolar, e ter uma professora negra naquela unidade seria bom para “calar a boca” de quem achava que a escola era racista.

Dentre todas essas vivências, ouvi uma declaração de uma funcionária negra de nome Beth¹ que trabalhava há anos. Essa declaração me emocionou muito e a partir desse dia eu compreendi o quanto a representatividade importa.

“Eu fiquei muito orgulhosa e feliz quando você chegou aqui, enfim eu vi uma professora negra que era professora mesmo. Eu fiquei muito emocionada porque você está mostrando para todo mundo que você é capaz de estar aqui, que você é boa professora e está honrando a nossa cor. Todo dia eu fico olhando você passar com as crianças e meu coração fica feliz”² (Beth. Abril de 2016).

Essa fala me deixou muito inquieta, pois percebia olhares e conversas quando passava pelos corredores da escola. Coincidentemente ou não, em meu primeiro ano de atividades como docente na escola, atuei com uma turma que possuía um aluno negro conhecido e querido por todos da escola.

Em meu segundo ano de docência, minha turma não possuía alunos negros, mas percebi que estar nesse papel de professora para aquela sala era importante, não para mim que lido e aceito muito bem a minha cor de pele e meu cabelo, mas para uma criança, uma única criança que tinha cabelos cacheados e pele clara. Ver o meu cabelo, ouvir histórias que falavam sobre as diferenças de cor, estilo e vida foram muito importantes para que essa criança aceitasse os seus cachos. Muitas vezes essa criança de 3 anos chamada Laura³, ao chegar em sala, me abraçava e cheirava os meus cabelos dizendo: “Seu cabelo é o mais cheiroso que eu conheço, você também passa creme para ele ficar cheiroso assim?” Nesses momentos sempre conversava com Laura, para dizer que passava creme para o cabelo ficar cheiroso e para desembaraçar, contava que cabelo crespo precisava ser penteado todos os dias e bem cuidado para ele crescer e ficar bonito e grande como o meu. Tentei durante o ano mostrar para essa criança o quanto seu cabelo era lindo e tive o apoio dos pais que muitas vezes me contavam que ela chorava, pois, o cabelo dela não era liso e não crescia.

Uma das atividades que chamaram a atenção de Laura foi ouvir a leitura de “As tranças de Bintou”, livro que conta a história de Bintou, uma menina negra que

¹ Beth - Nome fictício dado a funcionária da escola, abril de 2016.

²Beth - Nome fictício dado a funcionária da escola, abril de 2016.

³ Laura – Nome fictício

não se contenta com seus 'birotes' no cabelo e sonha usar tranças como sua irmã mais velha. Ao fim da história contei que também usava diferentes penteados no cabelo quando criança e que além disso, usava tiaras e faixas coloridas bem bonitas. A partir dessa leitura, Laura todos os dias chegava na escola com algum enfeite nos cachos.

Laura se viu representada em mim, e isso é empoderador, entender que existe ali um adulto que você tanto admira que entende do seu cabelo, alguém que possui um cabelo crespo igual ao seu.

Muito já havia pensado sobre esse assunto e o quanto minha ida para essa unidade tinha sido importante para muitas pessoas. No ano de 2018, no mês de março, quando já havia recebido alguns alunos novos, fui chamada pela minha orientadora para uma conversa, onde ela me contava que a escola recebeu um aluno novo que era negro e que a família quando conheceu a escola e havia me visto, pediu para que o aluno ficasse em minha sala pois eu era a única professora negra naquele lugar.

A orientadora a princípio falou que eu seria a melhor pessoa para receber essa família, mesmo sabendo que o grupo estava com muitas crianças e que a chegada de mais uma faria grande diferença no espaço físico e no andamento do grupo. Rapidamente aceitei, com alegria, mas fui embora pensando muito sobre como foi feita aquela abordagem e me fiz muitas perguntas, dentre as quais: Outra professora ou qualquer professora daquela escola não teria que estar preparada para receber um aluno negro? Porque eu preciso ser essa pessoa de referência sempre? Como essa escola precisa se preparar para receber pessoas negras? Eu serei sempre essa pessoa que irá receber as crianças negras?

Neste trabalho, busquei investigar como é a chegada de uma criança negra dentro de um ambiente onde predominam pessoas não negras. Como refletir, repensar a partir de ideias que somos seres humanos possuidores de cores diferentes e que precisamos respeitar todas as diferenças sem preconceito. Esse trabalho possui ainda como finalidade articular reflexões teóricas sobre o tema com os caminhos de minha trajetória dentro desta escola.

O objetivo principal foi compreender como essas crianças, que são minorias em um contexto fortemente marcado por pessoas brancas, são vistas e como as

crianças negras se relacionam dentro do ambiente de sala de aula. Como os adultos percebem essas poucas quantidades de crianças e professores negros na escola.

As escolas, por assim dizer, podem proporcionar a estruturação de valorização das diferentes identidades encontradas no cotidiano escolar. De acordo com o Plano Nacional de Implementação da Lei nº 10.639/2003,

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, a formação da personalidade, a construção da inteligência e a aprendizagem. Os espaços coletivos educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação, fazendo com que as crianças, desde muito pequenas compreendam e se envolvam conscientemente em ações que conheçam, reconheçam e valorizem a importância dos diferentes grupos étnico raciais para a história e cultura brasileiras (Brasil. MEC, 2003).

Para entendermos a relevância da Educação das Relações Étnico-Raciais na infância, é indispensável a consideração dos aparatos Legais para Educação Infantil, como, por exemplo, o Artigo 29 da LDB:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Entendendo a importância do desenvolvimento social, como sugere o Artigo 29, a socialização de crianças em ambiente pré-escolar deve ser feita de maneira mais benéfica, igualitária, e respeitosa o possível. Para Lopes (1995),

[a socialização] é entendida como o processo pelo qual o indivíduo é integrado à sociedade que o envolve num todo desde seu nascimento até o estertor de sua vida, ao conjunto de padrões de comportamento com significados que orientam a história de suas relações com outras pessoas (p.9).

Conforme a Lei, a escola - como agente socializador - tem a obrigação de oferecer um espaço e uma formação propícia para o desenvolvimento positivo da diversidade e das relações étnico-raciais. E isso é exatamente o que busco fazer em minha escola.

1.CONSTRUINDO UMA BREVE HISTÓRIA: O NEGRO NO BRASIL

A temática do racismo no Brasil envolve aspectos sociais, históricos, ideológicos e políticos, um país marcado pelo olhar europeizado, onde a maior parte do povo negro sempre viveu as margens da sociedade, onde a exclusão existe desde o tempo da colônia até hoje, século XXI.

Mesmo após a abolição da escravatura, o governo brasileiro não criou nenhum mecanismo que garantia a integração do negro na sociedade brasileira e, por isso, a população foi colocada às margens da sociedade.

Conforme pontua Boris Fausto,

[...] a abolição da escravatura não eliminou o problema do negro. A opção pelo trabalhador imigrante, nas áreas regionais mais dinâmicas da economia, e as escassas oportunidades abertas ao ex-escravo, em outras áreas, resultaram em uma profunda desigualdade social da população negra. Fruto em parte do preconceito, essa desigualdade acabou por reforçar o próprio preconceito contra o negro (FAUSTO, 2008, p. 221).

Interessante mencionar que:

O movimento abolicionista funcionou como um grande estandarte dos cidadãos brancos que pretendiam, de maneira racional e planejada, adequar o negro a um lugar que não gerasse incomodo à ordem emergente (SANTOS, 2006, PP. 120).

Florestan Fernandes (1978) propôs que o regime escravista foi muito intenso e degradante. Em seu livro intitulado *A Integração do Negro na Sociedade de Classes* ele argumenta que:

(...) a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de reeducar-se e de transformar-se para corresponder aos novos padrões e ideais de homem, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e capitalista (FERNANDES, 1978, p.20).

Atualmente, os negros representam 44,2% da população brasileira. Este índice torna o Brasil o país não-africano com a maior população negra do mundo e o

segundo maior se considerarmos todo o globo terrestre, perdendo somente para a Nigéria (Ribeiro, 1996). No entanto, grande parte dessa população negra ocupa as camadas mais pobres da sociedade.

Nesse sentido tento resgatar e analisar alguns aspectos importantes para entendermos a construção e as representações sociais acerca dos negros. Entender as estruturas de discriminação racial, as quais os negros foram submetidos desde o período colonial é importante para entendermos como as relações raciais foram construídas em nosso país e como foram construídas as barreiras sociais que ainda atingem os negros brasileiros.

Considerarei respeitável dialogar com autores como a historiadora e professora Mary Lucy Murray Del Priore, que escreveu sobre a criança no Brasil. Através de seus estudos entenderemos o papel que a criança negra ocupou desde a colônia aos dias atuais; Eliane dos Santos Cavalleiro, formada em Letras e Pedagogia, e desenvolve pesquisas nas áreas de socialização de populações afrodescendentes; Lázaro Ramos ator e escritor que aborda em suas temáticas a pluralidade cultural, racial, étnica e social, além de refletir sobre ser negro no Brasil; Yvone Costa de Souza que em seu livro traz um olhar para o tema da infância e da discriminação racial; o sociólogo Florestan Fernandes considerado o fundador da sociologia crítica no Brasil; e por fim, o professor doutor Kabengele Munanga, antropólogo e professor brasileiro-congolês, especialista em antropologia da população afro-brasileira, atentando-se à questão do racismo na sociedade brasileira.

1.1 A ESCRAVIDÃO NO BRASIL.

A escravidão no Brasil iniciou-se no século XVI⁴, quando os colonos portugueses escravizaram os índios, mas logo foram impedidos pela oposição religiosa. No intuito de possuírem uma mão de obra barata em diferentes afazeres dos engenhos de açúcar, trouxeram obrigados de suas colônias da África, negros que deixaram para trás suas histórias, culturas e familiares.

⁴ <https://www.historiadobrasil.net/escravidao/>

No Brasil a escravidão surgiu com a descoberta das terras brasileiras pelos portugueses. Do período colonial até o final do império, diversos negros foram comercializados, mais de cinco milhões de negros nos séculos XVI e XIX em todo o mundo foram subjugados pela escravidão⁵.

A escravidão, também chamada de escravismo, escravagismo e escravatura é a prática social em que um ser humano adquire direitos de propriedade sobre outro denominado por escravo, ao qual é imposta tal condição por meio da força⁶.

Segundo o portal Geledés Instituto da Mulher Negra⁷,

Os escravos que sobreviviam à travessia, ao chegar ao Brasil, eram logo separados do seu grupo linguístico e cultural africano e misturados com outros de tribos diversas para que não pudessem se comunicar. Seu papel de agora em diante seria servir de mão-de-obra para seus senhores, fazendo tudo o que lhes ordenassem, sob pena de castigos violentos. Além de terem sido trazidos de sua terra natal, de não terem nenhum direito, os escravos tinham que conviver com a violência e a humilhação em seu dia-a-dia. (Geledes-Instituto da Mulher Negra, 2012).

Os senhores de engenho dificultavam a comunicação entre escravos, diminuindo assim a chance de se rebelarem e tentar fugir das fazendas. Segundo Munanga (1988), sem a escravidão e a colonização dos povos negros da África, a negritude, ou seja, essa realidade abordada nem teria nascido. O desprezo e a ignorância acerca do mundo negro fizeram com que o europeu desfigurasse completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais.

Assim destaca artigo da Folha de S. Paulo de 15/02/2002 no qual Silva afirma,

A questão racial não é exclusiva dos negros. Ela é da população brasileira. Não adianta apoiar e fortalecer a identidade das crianças negras, se a branca não repensar suas posições. Ninguém diz para o filho que deve discriminar o negro, mas a forma como se trata o empregado, as piadas, os ditos e outros gestos influem na educação (CANDAUI pp.29,30).

⁵ <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/escravidao.htm>. Estudo que explana sobre a escravidão no Brasil.

⁶ <https://www.sohistoria.com.br/ef2/culturaafro/p1.php> Estudo que explana sobre a escravidão no Brasil.

⁷ <https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/>

É necessário estabelecer estratégias para que não ocorra menosprezo, discriminação em relação a cor da pele.

1.2 CRIANÇAS ESCRAVAS

As crianças negras que viveram durante o regime escravocrata eram crianças sem direitos e de certa forma invisíveis aos governantes. Raramente apareciam em documentos e relatórios. Suas existências apenas apareciam quando eram batizadas e em documentos da Igreja. Era comum aparecer em testamentos crianças negras como herança aos filhos dos senhores de engenho como maneira de garantir a continuidade do regime escravocrata.

Segundo Corrêa,

Nas listas descritas anexas aos inventários elas estão relacionadas como mercadorias; sendo listadas juntamente com os animais, ainda que sejam as primeiras a serem citadas, das mais velhas para as mais novas, apenas com o nome, cor e idade, e, raras vezes, doenças (CORRÊA, 2001).

As crianças negras escravas não tinham direito a educação, salvo aquelas filhas dos escravos pertencentes aos missionários-fazendeiros. Bittar e Ferreira Júnior (1999) dão destaque para a educação de crianças negras nos colégios jesuítas no período colonial. Os autores alertam, no entanto, que:

Evidentemente, a educação de crianças negras no Brasil Colonial foi um fenômeno residual. Constituiu-se uma exceção da regra geral que caracteriza os grandes traços explicativos da história da educação do período em tela, ou seja, a exclusão da ampla maioria do povo brasileiro. Entretanto, mesmo tendo se constituído uma exceção, merece registro (BITTAR; FERREIRA JÚNIOR 1999, p. 473).

Del Priore traz um relato do tráfico negreiro infantil no Rio:

Dos escravos desembarcados no mercado do Valongo, no Rio de Janeiro do início do século XIX, 4% eram crianças. Destas, apenas 1/3 sobrevivia até os 10 anos. A partir dos 4 anos, muitas delas já trabalhava com os pais ou sozinhas, pois perder-se de seus

genitores era coisa comum. Aos 12 anos, o valor de mercado das crianças já tinha dobrado. E por quê? Considerava-se que seu adestramento já estava concluído e nas listas dos inventários já aparecem com sua designação estabelecida: Chico “roça”, João “pastor”, Ana “mucama”, transformados em pequenas e precoces máquinas de trabalho⁸(2012, p.245).

Adriana Maria Paulo da Silva, aponta a existência de uma escola no Rio de Janeiro que estaria destinada apenas a crianças negras ou pardas. O caso é interessante. Homens e mulheres negras produziram um abaixo-assinado exigindo a continuidade de atividades realizadas na escola do professor Pretextato Passos da Silva a fim de que seus filhos pudessem ser alfabetizados em uma escola onde não receberiam discriminação⁹.

O ingresso e permanência das populações não brancas nas escolas brasileiras mobilizam importantes discussões e esforços há muitos anos. No tempo da escravidão, um grupo de pais de meninos “pretos pardos” residentes na cidade do Rio de Janeiro enfrentou o desafio de escolher um professor “preto”, Pretextato do Passos e Silva, para seus filhos e de ajudá-lo a manter uma escola específica para eles (SILVA, 2010, p. 80).

Silva afirma também que:

Em teoria, a partir da lei de 1854, as escolas públicas do Império deveriam aceitar alunos de qualquer cor, desde que fossem livres – incluindo os escravos alforriados –, vacinados e não portadores de doenças contagiosas (SILVA, 2015).

Os pequenos escravos serviam para entreter as senhoras e seus filhos. Contudo, a partir dos sete anos de idade, a classe social falava mais alta: os filhos dos

⁸ DEL PRIORE, M. A criança negra no Brasil. In: JACÓ-VILELA, AM. And SATO, L, orgs. *Diálogos em Psicologia Social (on line)*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. ISBN: 978- 85-7982-060-1. p. 245. <<http://books.cielo.org>

⁹ Ankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano IX, NoXVII, agosto/2016

senhores seguiam para os estudos e a dos escravos para o trabalho (DEL PRIORE, 2000).

2. RESQUÍCIOS DA ESCRAVIDAO NO BRASIL DE 2018.

Por razão da escravidão, a atualidade negra no Brasil traz resquícios de uma desigualdade racial que reverbera ainda no século XXI.

Segundo Ciconello,

O racismo é um dos principais fatores estruturantes das injustiças sociais que acometem a sociedade brasileira e, conseqüentemente, é a chave para entender as desigualdades sociais que ainda envergonham o país. Metade da população brasileira é negra e a maior parte dela é pobre (Ciconello, 2007. p.2).

Como podemos almejar que uma criança negra sinta orgulho de sua raça, quando estas são exemplificadas de maneira derrotada e submissa? Como pensar em uma educação que inclua o negro? A desigualdade social no Brasil cada vez mais aumenta a reprodução do racismo e do preconceito e, por sua vez, vai de encontro com outros fatores de grandes problemas estruturais como por exemplo: emprego, moradia, progressão escolar, educação.

O racismo ainda predomina nos espaços da escola. As crianças negras, independente da esfera econômica, segundo Cavalleiro (2000) sofrem supressões no ambiente escolar por conta principalmente de suas cores ou fenótipos.

3. A ENTRADA DE UM ALUNO NEGRO EM UM GRUPO DE MAIORIA BRANCA EM UMA ESCOLA PARTICULAR DA ZONA SUL DO RIO DE JANEIRO.

A pesquisa aconteceu em uma Escola de Educação Infantil ao Ensino Médio, situada na Zona Sul do Rio de Janeiro com filial na Zona Oeste, uma escola elitizada onde grande maioria dos alunos são brancos e existe apenas uma professora regente negra. A entrada do aluno negro se deu em uma turma com 17 crianças de idades entre três e quatro anos.

Desse modo:

Ao reivindicarmos que é necessário abordar na educação infantil aspectos que tratem das relações raciais, é porque as marcas raciais, cor, cabelo, aspectos culturais são elementos presentes no cotidiano das crianças nesta faixa etária suscitando-lhes curiosidades e conflitos que não podem ser desconsiderados. Muitas vezes, a educadora percebe prontamente esses conflitos e curiosidades, e age sobre eles (...). Outras vezes cala-se por medo de tocar num assunto que a sociedade brasileira quis esconder sentindo-se despreparada para abordá-lo (DIAS; SILVAR JR. apud Educação Infantil e práticas promotoras de Igualdade Racial, 2012, p.29).

Após inúmeras conversas com diferentes adultos da escola, recebo uma criança de 3 anos, negra, observadora, feliz por estar naquele ambiente e que se adaptou muito bem a escola. No primeiro dia, a nova criança foi recebida por todos com muita alegria, e logo nos primeiros minutos em sala, as crianças do grupo a acolheram muito bem. Com o passar dos dias, as crianças do grupo foram cada vez mais inserindo a nova criança ao grupo sem nenhum questionamento sobre sua cor. Em contrapartida, os adultos da escola se viram curiosos em relação àquela criança. Nas primeiras semanas dele na escola, muitas pessoas passavam pela minha sala para ver o “menino novo”.

O que chamou a minha atenção era a rotatividade e diferentes perguntas acerca daquela criança. Um mês antes dele chegar, recebi também uma outra criança nova, muito querida e em nenhum momento recebi perguntas ou visitas.

Acredito que em uma escola de maioria branca, ter um aluno negro que não é filho de funcionário da escola e nem bolsista é mesmo diferente da realidade. Assim como minha chegada foi admirável para muitos funcionários e pais da escola, a

chegada de uma criança negra e não bolsista causa um estranhamento devido a toda a realidade que o Brasil ainda vive.

No espaço escolar há toda uma linguagem não-verbal expressa por meio de comportamentos sociais e disposições – formas de tratamento, atitudes, gestos, tons de voz e outras -, que transmite valores marcadamente preconceituosos e discriminatórios, comprometendo-se, assim o conhecimento a respeito do grupo (CAVALLEIRO, 2010, p.84).

Cavalleiro (2010) chama a atenção para a forma como a população negra foi e ainda é inferiorizada dentro da temática racial no contexto educativo, tanto na escola particular, quanto na pública – principalmente a partir dos estereótipos e apelidos que marcam negativamente a passagem desses alunos na escola.

A escola ficou muito agitada com essa chegada, e durante algumas semanas fui abordada por diferentes pessoas que me perguntavam se a criança já tinha começado as aulas. Eram tantos questionamentos que fui perguntar a minha orientadora se estava acontecendo mais alguma coisa que eu não sabia, ou se toda aquela preocupação era apenas porque a criança era negra.

Após inúmeros questionamentos, a orientadora me contou que logo após me abordar para que eu recebesse a nova criança, também passou a refletir sobre o motivo pelo qual, ao chegar um novo aluno negro, a escola recorreu a mim e não a qualquer outra professora. Esse questionamento sobre a sua atitude a fez refletir sobre o preconceito que está enraizado nas pessoas. Muito envergonhada e com vontade de fazer diferente a orientadora me pediu ajuda, pois não havia refletido que agindo assim, estava propagando o preconceito.

A partir dessa conversa fomos estabelecendo estratégias e entendendo com mais clareza as minúcias desse assunto dentro de uma escola de maioria branca. O trabalho conjunto entre escola, família e criança precisa ser feito. A chegada dessa criança se deu da forma mais tranquila e respeitosa diante seus pares.

Isso nos convida a pensar que uma escola de maioria branca precisa pensar em estratégias de não discriminação para uma criança negra e também para as todas as diferenças, pensar na sua etnia, respeitar e ensinar. Conforme Kramer (2002), seria enriquecedor se considerássemos a criança como sujeito da história, ao invés de olhar

para a criança como um sujeito descolado de sua classe social, de sua cultura, de sua etnia e de sua história.

Quando Vygotsky (1988) afirma que ao relacionar-se com outras pessoas, o ser humano acaba relacionando-se consigo mesmo, ele enfatiza a concepção do homem como ser social de o homem como ser social em constante mudança pelo meio ao qual está inserido.

Muitos acreditam que a discriminação e o preconceito não existem no cotidiano da educação infantil. Muitos estudos mostraram que o preconceito existe dentro das escolas e também na educação infantil. É na Educação Infantil que se dá o momento da construção de identidade, de entender e pertencer a um dado grupo além da relação com nosso corpo.

Durante o primeiro semestre, as crianças receberam o aluno negro de nome Bruno¹⁰ sem ao menos fazer perguntas sobre a cor da sua pele. Entretanto, na chegada do segundo semestre, percebi que uma criança branca de nome Clara¹¹ não brincava com o aluno negro e também não tocava em sua mão e negava-se em sentar ao seu lado. Bruno, que é muito esclarecido sobre a sua cor, começou a excluir a amiga de suas brincadeiras.

Comecei então a pensar no trabalho em sala de aula e o que poderia fazer para que essa relação se desse de maneira respeitosa, sem expor nenhuma das duas crianças. Durante o segundo semestre ouvi inúmeras frases ditas por Clara, como: “Você é marrom igual a nossa professora”, “Você é marrom não vou dar a mão pra você”, “Você é careca ou seu cabelo é pequeno e não cresce?” Como professora da turma achei importante conversar sobre os diferentes tons de pele que tínhamos em sala.

3.1 EVENTO 1- OS GIZES DA COR DE PELE 1 (agosto de 2018)

O projeto- ação pensado por mim foi de conversar sobre a cor de nossa pele, mostrar o quanto nossa sala é diferente. A proposta inicial foi tirar a foto do rosto de

¹⁰ Nome fictício dado a criança negra.

¹¹ Nome fictício dado a criança branca

todas as crianças, ampliar, recortar a metade do rosto na vertical e pedir para que as crianças fizessem com caneta preta o contorno da outra parte que estava faltando.

No dia seguinte, sentei com uma caixa de lápis de cor e com várias caixas de giz de cera da Uniafro (Programa de Ações Afirmativas para a População Negra), em parceria com a empresa Koralle, que criou um estojo de giz de cera com 12 cores de pele, que variam do bege ao marrom-escuro.

Primeiro pedi para que as crianças pegassem o lápis mais parecido com o tom de pele delas, muitos ficaram em dúvida, alguns disseram que eram brancos, mas não era daquela cor do lápis branco e as crianças de tom de pele negra, morena e mulata, não conseguiram encontrar nenhum lápis de cor na sua tonalidade.

Então, apresentei o giz de cera e começamos uma discussão a respeito das cores daqueles gizes. As crianças ficaram curiosas e envolvidas. Perceberam que aquelas cores eram tons de pele e aquele lápis conhecido como “cor de pele”, não era o tom da pele de ninguém.

A criança Clara em questão é morena com cabelos lisos e preto. Ao procurar o lápis com a sua cor, se deu conta que o tom da sua pele estava no giz de cera e não na caixa de lápis de cor. Rapidamente Clara pegou um lápis de cor da cor vermelha e pintou seu rosto, perguntei porque escolheu a cor vermelha e ela respondeu: “Sou vermelha porque minha cor não é a marrom, lá não tem a minha cor.” Passadas algumas semanas, Clara, em uma brincadeira, fez dupla com Bruno. Segurou em sua mão e ambos têm ficado menos distantes um do outro.

Ao pensar essa atividade para o grupo, o objetivo almejado foi com que as crianças encontrassem tons entre opções mais reais; mostrar a diversidade racial do nosso grupo e promover a igualdade entre os alunos.

Como aponta Kramer,

Tem que ensinar para o colega que não pode fazer isso. Ninguém é melhor ou pior por ser branco ou ser preto. As pessoas são diferentes. Todas as cores são bonitas, todas as pessoas são boas ou ruins e as vezes é boa numa hora e faz coisa errada depois. Tem que ensinar isso. Tem que perguntar se ele gostaria que as pessoas implicassem com ele. (...) E também pode trazer coisas dos negros para a gente aprender, porque todo mundo acha que só precisa

aprender coisas dos brancos. E o negro tem muita coisa também (KRAMER 2013, p.155).

4- ENTREVISTAS:

A realização de entrevistas foi a metodologia utilizada para coletar dados neste estudo, uma importante ferramenta para captar as falas que traduzem a visão de mundo, valores e expectativas de vida. Foram realizadas quatro entrevistas, direcionadas a duas funcionárias, uma estagiária e uma mãe da escola. A entrevista, neste estudo, teve como objetivo interpretar as percepções relacionadas à questão racial e de que forma isto incide na relação com as poucas crianças negras e professoras negras da escola.

Assim, cada entrevista seguiu um roteiro flexível de perguntas:

- Como foi sua chegada nessa escola? Desde quando você trabalha aqui?
- Quando você entrou aqui você percebeu a quantidade de professoras negras que tinham nessa escola?
- O que é ser negro dentro desse ambiente de trabalho?
- A quantidade de alunos negros na escola interfere na propagação de racismo?
- Você acha que a escola está preparada para receber alunos negros e falar sobre o racismo?

Para a realização da análise e apresentação dos dados coletados foram realizadas transcrições, leituras e análise dos dados a luz da fundamentação teórica, a partir do contexto e lugar social do autor da fala, o entrevistado.

A interpretação dos dados buscou identificar os discursos que permeiam o cotidiano dos profissionais que compõem o grupo de funcionários da escola e pais de alunos. As várias leituras possíveis do material coletado identificaram uma acentuada minoria de negros na escola observada, dentre crianças e adultos. A partir destas considerações, seguem os dados e a análise.

5. ANÁLISE DA ENTREVISTA

A entrevista foi realizada com quatro pessoas, duas funcionárias, uma estagiária e uma mãe de aluno.

As funcionárias da escola em momento algum relataram algum tipo de racismo; a mãe de aluno ao contrário mostrou o quanto estava em desacordo com a escola em relação ao racismo; a estagiária demonstrou possuir um amplo olhar e capacidade de observar as diferenças e dificuldades encontradas dentro da escola.

5.1 ENTREVISTA 1-

Nome: Maria¹², 30 anos, negra, trabalha como auxiliar do horário extenso.

A entrevistada foi escolhida por ser negra, jovem e ter um filho negro que no ano de 2018 foi matriculado nessa escola

1-Como foi sua chegada nessa escola? Desde quando você trabalha aqui?

R: Foi bem engraçado, eu entrei através da Paula¹³. Nós somos muito amigas, ela me indicou, aí eu fiquei uma ou duas semanas e depois eu desisti, eu disse: Ah não quero mais não, não é isso que eu quero para mim e desisti. A minha coordenadora pediu para eu dar um tempo até ela encontrar outra pessoa e quando ela arrumou eu saí, só que quando eu saí eu não consegui nada e minha carteira estava ainda como contratada aqui na escola e eu pensei que não estava, a pessoa que veio no meu lugar não se adaptou ao trabalho e me ligaram pedindo para eu voltar, eu voltei e estou aqui a 4 anos.

2- Quando você entrou aqui você percebeu a quantidade de professoras negras que tinham aqui?

R: Não percebi nada, porque quando cheguei aqui não tinha nenhuma professora negra e nem crianças negras, agora é que tem mais. Quando começou a

¹² Nome fictício

¹³ Nome fictício

entrar crianças negras tudo estava mudando, eu estava conversando com a Rosa¹⁴. esses dias, ela disse que quando ela entrou e ela tem muito mais tempo do que eu, ela ficou assustada porque era todo mundo muito bonitinha maquiada, todo mundo branco e ela ficou meio assim porque ela é bem despojada e agora as pessoas são bem despojadas, a quatro anos não tinha nada disso aqui.

3-O que é ser negro dentro desse ambiente de trabalho?

R: Eu acho interessante, tipo agora tem algumas crianças que ficam com a gente pela manhã, a Carla¹⁵. por exemplo estava brincando de pique alerta cor e quando fala marrom ela coloca a mão na pele dela e se abraça e fala eu sou marrom, ela ama a cor dela.

Na colônia de férias teve criança que falou assim a fulana é minha melhor amiga porque ela é da minha cor ela é igual a mim, é a amiga que eu mais amei da colônia, mas essas eram crianças de fora que estavam na colônia, mas eu achei tão bonito isso, amar a nossa cor.

4- Seu filho agora estuda aqui, esse é o primeiro ano dele na escola, apareceu alguma questão sobre a cor da pele dele?

R: Sobre a pele não, só sobre a escola que ele estudou, ele nunca me falou nada sobre a pele, mas ele foi muito bem recebido, ele é um amigão de todos, eu acho que não foi uma questão para as crianças.

Ele é uma criança negra e bolsista, mas tem muita criança que não é negra e é bolsista e a gente só pensa nos negros bolsistas.

5- A quantidade de alunos negros na escola interfere na propagação de racismo?

R: Eu acho que agora não, mas quando começou a ter aluno negro sim, teve sim, inclusive uma criança não queria brincar com a outra, não queria tocar no outro porque era negro, aí teve uma conversa com os pais, foi bem difícil a situação e também teve outra criança de 4 anos que sofreu racismo e a mãe ficou muito brava ela foi até na televisão.

¹⁴ Nome fictício.

¹⁵ Nome fictício.

6- Você acha que a escola está preparada para receber alunos negros e falar sobre o racismo?

R: Eu acho que sim porque quando acontece a professora e a escola teve um cuidado com as crianças e com os pais também, eles explicaram que a cor da pele não importa de nada, foi uma conversa séria e hoje eles são amigos. Ele nem entendeu o porque estava fazendo aquilo, eu acho que um adulto que falava tudo aquilo para ele, porque criança de 6 anos não faz isso. Hoje ele entendeu e tudo está bem, Graças a Deus.

5.2 ENTREVISTA 2

Nome: Mariana¹⁶, 52 anos, negra, trabalha como auxiliar.

A entrevistada foi escolhida por ser negra, e ser uma das funcionárias mais antigas da escola.

1-Como foi sua chegada nessa escola? Desde quando você trabalha aqui? Como você entrou?

R: Minha chegada aqui, eu cheguei com meu diploma de segundo grau para ser babá, nem era recriadora, aí tinha uma supervisora aqui, eu até gostei dela ela era muito experiente, ela disse que para ser babá aqui tinha que começar pela limpeza(tom irônico), e eu entrei na limpeza porque eu estava desempregada e precisava de trabalho, eu honrei, porque não é vergonha ser da limpeza eu trabalhei 3 anos e fui promovida. Isso a mais de dez anos atrás. Agora eu sou auxiliar.

2-Quando você entrou aqui você percebeu a quantidade de professoras negras que tinham aqui?

R: Acho muito pouca, precisava de ter mais referência para as crianças, professora só tem você, o que mais tem é funcionário. Você chega com uma responsabilidade maior, você é a única professora negra.

3-O que é ser negro dentro desse ambiente de trabalho?

R: Eu sou muito respeitada, eu sou um tipo de pessoa que venho aqui para trabalhar e respeitar as pessoas, eu não venho aqui para brigar e nem chatear

¹⁶ Nome fictício

ninguém, a gente tem que valorizar tudo o que nós temos na vida e os coordenadores aqui são ótimos.

4-Você acha que aparece racismo devido a pequena quantidade de crianças negras que estudam aqui?

R: Quando as crianças me perguntam porque eu sou negra, eu falo para eles porque meu papai e minha mamãe são negros. Vocês são brancos porque a mamãe e o papai são brancos. E minha origem é negra, e eles entendem.

5- Você acha que a escola está preparada para receber alunos negros e falar sobre o racismo?

R: Agora sim, com essa tecnologia avançada todo mundo está preparado, agora só não estuda quem não quiser, não tem conhecimento quem não quiser, eu vi no jornal o senhor de 70 anos negro se formando em direito, eu é que não tenho essa coragem, mas acho muito bonito. As pessoas aqui estão preparadas por causa do estudo, elas têm mais meio de pesquisar e saber.

6- Você já sofreu algum preconceito aqui dentro?

R: Em relação a criança, quando ela tem alguma questão e fala alguma coisa, você precisa entender e você precisa trabalhar isso em você entender que ele tem problema. Quando é um pai eu penso assim: Quando me dá um bom dia eu dou e quando não dá bom dia eu também dou, aí eu quebro eles porque eu tenho educação. Eu já tive criança que não gostava que eu chegasse perto, mas aí a gente vai trabalhando, a gente não pode se sentir inferior, eu não me acho inferior, eu sou muito linda, uma negra linda. Tem gente que se incomoda porque fulano não deu bom dia, se a pessoa não deu bom dia você dá, porque a gente tem que ser educado, essa pessoa nunca vai reclamar da gente na coordenação, dizer que a funcionária é mal-educada, a gente tem que dar o exemplo.

5.3 ENTREVISTA 3

Nome: Andrea¹⁷, 44 anos, mãe de duas alunas negras.

¹⁷ Nome fictício

A entrevistada foi escolhida por ter adotado duas filhas negras e ter muita preocupação com a falta de representatividade dentro da escola.

1- Como foi a chegada das meninas nessa escola?

R: Tanto eu quanto a minha esposa sempre gostamos da filosofia da Escola. Após a adoção, colocamos elas numa escola bem pequena para adaptação, pois tivemos receio da mudança brusca de realidade.

2- Qual a sua opinião a respeito da quantidade de professoras e crianças negras nessa escola?

R: A crítica é para a sociedade como um todo. Uma das coisas que nos encantou na escola foi a existência de professoras negras, tudo bem que em número bem menor às auxiliares. Em relação a crianças negras, dentro de todo infantil, as nossas filhas, mas em especial a Mara¹⁸. era a única negra retinta da escola, o que causava e causou problemas. Fomos aconselhadas por amigos e a diretora da escolinha antiga a não as matricular na escola pois não existia diversidade e era uma escola muito elitizada. Entendemos ser uma fotografia de elite brasileira, mas eu esperava um pouco mais da escola.

3- Para você o que é ser negro dentro desse ambiente?

R: De novo, acredito ser uma fotografia da nossa sociedade. Ser negro numa escola de elite limita opções de amizade, visibilidade e identidade. Ter que ensinar (empoderar) a uma criança de 7 anos que racismo existe, mata, machuca e faz com que algumas crianças te olhem como inferior dói, mas é necessário.

4- A quantidade de alunos negros dessa escola interfere para a propagação de racismo?

R: Sim. Sem visibilidade, o negro se torna o diferente.

5- Suas filhas já sofreram algum tipo de racismo dentro da escola?

R: Sim, e pensamos inclusive em tira-las da escola. Uma amiguinha disse a Mara. que por causa da cor dela, ela não poderia ir a sua festa de aniversário pois familiares achavam que negros sujavam as paredes, e, portanto, os atirava pela janela. A família dessa menina me disse a pouco tempo (isso foi ano passado) que a escola

¹⁸ Nome fictício

não fez nenhum trabalho com eles, mesmo tendo nos prometido o contrário. Ingrid¹⁹. nossa outra filha, por causa do cabelo, que é pro alto e não brilha, e a pele dela é diferente da nossa, também sofreu, mas a sala dela é toda segregada e acho que a escola demorou a agir, e as “gangs” criadas humilham uns aos outros. Conhecemos outros casos de problemas com tom de pele de amigos, e o Júlio²⁰, nosso sobrinho sofreu discriminação por não ser criado dentro do padrão de gênero, e apanhava na escola por gostar de brincar de bonecas e usar saias, tivemos que mudar ele de turma pois como um dos que praticavam bullying era filho de professora da escola, era “protegido” do professor.

6- A escola está preparada para receber alunos negros e falar sobre o racismo?

R:Serei dura e acho que a escola ainda não tem moral para falar de racismo. A escola não se preparou, não convidou ou abriu as portas ou mesmo criou mecanismos para a inclusão de negros em todos os seus campos (docente e discente -a bolsa social foi divulgada esse ano). Não vi movimentação maior até casos graves acontecerem para uma medida bem tímida sobre o assunto ser tomada. Acho que colocar livros sobre a temática, ensino de história e contos africanos somente é um atenuante para outros perceberem o negro, mas não coloca o ponto final no problema. Todos os passeios extracurriculares não incluem quilombos por exemplo, portanto, acho que é só um arranhão na superfície do problema.

5.4 ENTREVISTA 4

Nome: Luana²¹, 25 anos, negra, trabalha como estagiária.

A entrevistada foi escolhida por ser negra e ser uma estagiaria que está a pouco tempo na escola.

1-Como foi sua chegada nessa escola?

¹⁹ Nome fictício

²⁰ Nome fictício

²¹ Nome fictício

R: Fui muito bem recebida quando cheguei na escola. Mas uma das primeiras coisas que notei foi que não tinha muitas professoras negras. Aliás, só tem uma.

2-O que você acha da quantidade de professoras negras que existem na Escola Parque?

R:Acho que pela ideologia e discurso da escola o número de professores negros deveria ser maior. Na minha opinião, as poucas crianças negras que tem na escola precisam da representatividade pra se sentirem ainda mais dentro de um grupo

3-O que é ser negro dentro dessa escola?

R: É perceber que os negros ocupam pouco o espaço da sala de aula, como professores. A maioria está nos cargos abaixo, não que isso seja um problema porque precisamos deles também.

4-A quantidade de alunos negros na escola interfere para a propagação de racismo?

R: Apesar de no espaço de escola as crianças não terem muito contato com outras negras, eu acho que fora desse espaço esse contato seja maior, então, acredito que não interfira nessa questão de propagação do racismo.

5-A escola está preparada para receber alunos negros e falar sobre o racismo?

R: Acredito que sim! Não só está preparada com precisa falar. A sociedade atual grita por mais discussões com esse tema nas escolas sim, porque quanto mais cedo ele aprende sobre, mais cedo eles sabem o que deve ou não deve ser feito em relação a isso.

Inclusive, adorei as novas sugestões de livros de projeto desse semestre, onde os desenhos nas ilustrações são de pessoas negras. Isso já daria um ótimo início de discussão.²²

²² Referindo-se aos livros adotados com personagens negros.

6-CONCLUSÕES

Procurei destacar neste trabalho monográfico a relevância do estudo sobre a consciência do Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil Brasileira. Observei, no entanto, a dificuldade em encontrar textos acadêmicos especificamente na etapa da Educação Infantil no sistema escolar.

As leituras e entrevistas realizadas mostraram a necessidade da representatividade negra dentro da escola. As entrevistas mostram, entre as pessoas de maior grau de escolaridade, a presença de crítica à falta de negros na escola observada e falta de abordagens sobre o assunto; por outro lado, os funcionários menos escolarizados e que ocupam um lugar de menor prestígio dentro da escola não percebem o racismo.

Acredito que essa seja uma maneira de se conformar com o racismo que acontece diariamente: omitir-se e silenciar-se. A partir da realização dessa monografia, constato a urgência à proposição de programas de formação tanto para os alunos como para funcionários e comunidade escolar, com vistas à promoção de conteúdos históricos de lutas dos negros no Brasil (movimento negro) e de todos os que se encontram em situação de qualquer tipo de discriminação.

Pesquisar o tema racismo, discriminação e preconceito contra as crianças negras no âmbito escolar significou trazer investigações difíceis e dolorosas para mim, que sou negra e a única professora negra na escola observada.

O preconceito ronda as nossas escolas há muito tempo. A partir desse trabalho refleti também sobre a minha postura dentro dessa escola, ampliando-a: além de fazer o meu trabalho docente, atuar cotidianamente em relação à desmitificação da cultura racista, tentando diariamente ensinar as crianças a não se comportarem de maneira discriminatória. Fazer leituras, pensar em projetos, contar a minha história, falar sobre minha cor.

Um dos maiores desafios é o de promover a qualidade do ensino buscando criar condições de articulações efetivas entre pais e escola e professores. Penso que essa análise e estudo feito por mim seja apenas o começo de toda uma discussão que espero que tenha prosseguimento dentro da escola. Não podemos negar que, mesmo diante das discussões e livros que apresentamos às crianças acerca do tema da não

discriminação racial, estamos ainda muito longe de atingirmos a todos. Entretanto, a escola precisa pensar sobre o assunto.

Acredito que a escola poderia sim trazer a discussão sobre o racismo para todos da comunidade. Trazer de verdade, de forma clara e aberta e não nas entrelinhas, como muitas das vezes acontece. Apesar das muitas políticas de combate às posturas racistas, ainda encontramos muitos educadores e alunos se comportando de maneira discriminadora, especialmente escolas onde os professores e alunos negros representam a grande minoria. Segundo Romão (2001), reverter esse quadro só será possível se a escola mudar de postura, investindo na busca de estratégias que atendam as necessidades dos alunos negros, estimulando e incentivando-os nos níveis físico, cognitivo e cultural.

O espaço escolar poderá proporcionar discussões a respeito das diferenças e através dessas ações, será possível reconstruir um conhecimento de si mesmo e do outro, das relações raciais tão combatidas pelas diferenças étnicas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

- BITTAR, M; FERREIRA JÚNIOR, A. Educação Jesuítica e crianças negras no Brasil Colonial. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 80, n. 196, p. 472-482, set./dez., 1999
- CANDAU, V. L. Somos todas iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos: Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6.ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CORRÊA, A. M. *A criança escrava em Cuiabá: 1860-1871*. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Ciências Sociais, Cuiabá, 2001.
- DEL PRIORI, M. A criança negra no Brasil. In JACÓ-VILELA, AM., and SATO, L., orgs. Diálogos em psicologia social [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 232- 253. ISBN: 978-85-7982-060-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.
- FAUSTO, Boris. História do Brasil. 13.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes: O legado da “Raça Branca”. 3 ed. São Paulo: Ática, 1978.
- KRAMER, Eloisa A. C. Rocha. Educação infantil: enfoques em diálogo. 3a Ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2013.
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, Lei número 9394/96. Ministério da Educação. Brasília – DF, 1996
- Lei no 10639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10639.htm>.
- LOPES, Ademil. Escola, socialização e cidadania: um estudo da criança negra numa escola pública de São Carlos/SP- São Carlos: EDUFSCar, 1995.
- Revista da ABPN • v. 10, n. 24 • nov.2017 – fev. 2018, p.148-165
- SANTOS, G. A. dos. A invenção do ser negro: um percurso de ideias que naturalizam a inferioridade dos negros. São Paulo: EDUC/FAPESP. Rio de Janeiro: PALLAS, 2006.

SILVA, Adriana M. P. A primeira escola exclusiva para negros no Brasil. Geledés, in: Educação, Abril, 2015. <<https://www.geledes.org.br/a-primeira-escola-exclusiva-para-negros-no-brasil/>> Acesso em 9 de set.2018

SILVA, Adriana Maria Paulo da. *Uma Escola Diferente*. Revista de História da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, ano 5, n. 55, abril de 2010, p. 80-83.

SILVA, Jovina da; RAMOS, Maria Monteiro. Prática Pedagógica numa Perspectiva Interdisciplinar. Disponível em http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt3/GT3_2006_08.PDF Acesso em: 9 de set. 2018.

ROMÃO, Jeruse. O educador, a educação e a construção de uma auto-estima positiva no educando negro. In CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na escola: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.